

Prosa *Poeteiro* Verso
Iba Mendes

Literatura



Gil Vicente

Farsa ou Auto de Inês Pereira



Iba Mendes
www.poeteiro.com

Gil Vicente

Farsa ou Auto de Inês Pereira

Publicado originalmente em 1523

Gil Vicente
(1465 — 536?)

“Projeto Livro Livre”

Livro 343



Poeteiro Editor Digital
São Paulo - 2014
www.poeteiro.com



Projeto Livro Livre

O “Projeto Livro Livre” é uma iniciativa que propõe o compartilhamento, de forma livre e gratuita, de obras literárias já em domínio público ou que tenham a sua divulgação devidamente autorizada, especialmente o livro em seu formato Digital.

No Brasil, segundo a Lei nº 9.610, no seu artigo 41, os direitos patrimoniais do autor perduram por setenta anos contados de 1º de janeiro do ano subsequente ao de seu falecimento. O mesmo se observa em Portugal. Segundo o Código dos Direitos de Autor e dos Direitos Conexos, em seu capítulo IV e artigo 31º, o direito de autor caduca, na falta de disposição especial, 70 anos após a morte do criador intelectual, mesmo que a obra só tenha sido publicada ou divulgada postumamente.

O nosso Projeto, que tem por único e exclusivo objetivo colaborar em prol da divulgação do bom conhecimento na Internet, busca assim não violar nenhum direito autoral. Todavia, caso seja encontrado algum livro que, por alguma razão, esteja ferindo os direitos do autor, pedimos a gentileza que nos informe, a fim de que seja devidamente suprimido de nosso acervo.

Esperamos um dia, quem sabe, que as leis que regem os direitos do autor sejam repensadas e reformuladas, tornando a proteção da propriedade intelectual uma ferramenta para promover o conhecimento, em vez de um temível inibidor ao livre acesso aos bens culturais. Assim esperamos!

Até lá, daremos nossa pequena contribuição para o desenvolvimento da educação e da cultura, mediante o compartilhamento livre e gratuito de obras sob domínio público, como esta, do escritor português Gil Vicente: *“Farsa ou Auto de Inês Pereira”*.

É isso!

Iba Mendes
iba@ibamendes.com

BIOGRAFIA

Nasceu em 1465 ou 1466 ou morreu entre 1536 e 1540. Iniciou seu teatro a 7 de junho do 1502, ao entrar na câmara da Rainha D. Maria de Castela, que acabara de dar à luz o futuro D. João III. Declama em Espanhol o *Monólogo do Vaqueiro*, também chamado de *Auto da Visitação*. Como impressionasse vivamente, os monarcas lhe pedem que recite de novo a peça por ocasião do Natal. Em vez de o fazer, representa outra, o *Auto Pastoral Castelhana*. Confirmado o êxito, daí por diante leva o seu teatro, de feição absolutamente popular, até 1536, quando encena a *Floresta de Enganos*. Escreveu quarenta e seis peças, entre satíricas, místicas, medievais, renascentistas, comédias e farsas, das quais se destacam as seguintes: *Auto da Alma*, *Trilogia das Barcas*, *Farsa de Inês Pereira*, *Quem tem Farelos?*, *Juiz da Beira*, *Auto da Fé*, *Auto da Índia* e *Auto da Lusitânia*.

Seu teatro tem caráter popular e se utiliza de temas da Idade Média, como as narrativas de origem cavaleiresca, o lirismo das cantigas, os quadros religiosos medievais (mistérios e milagres) encenados em datas como Natal e Páscoa.

Vivendo em plena crise dos valores medievais, Gil Vicente é um autor que, apesar de humanista, ainda permanece mais voltado para a tradição do que para a modernidade.

Gil Vicente sempre foi extremamente crítico para com a sociedade do seu tempo, retratando-a com mordacidade e comicidade extremas, que não perdoavam nem a fidalguia, nem a plebe, nem a burguesia ou o clero, mesmo sendo um católico de profunda fé cristã, aspecto que também aparece em sua obra.

Observador atento de seu tempo, Gil Vicente construiu uma verdadeira galeria de personagens típicos da época. Em suas peças, são comuns as figuras do fidalgo decadente, da moça que deseja se casar, da alcoviteira (espécie de agenciadora de casamentos), do padre pouco interessado nas coisas espirituais etc. Gil Vicente evidencia em sua obra o preconceito existente contra os judeus, por exemplo, vistos com desconfiança por representarem a burguesia em ascensão. A obra vicentina é um reflexo da sociedade portuguesa dos princípios do século XVI, com suas classes sociais, seus vícios, seus costumes religiosos e suas atividades culturais.

Referências bibliográficas:

1. Massaud Moisés: A Literatura Portuguesa através dos textos, 22ª Edição. Editora Culturix. São Paulo, 1997.
2. Maria da Conceição Castro: Língua & Literatura. Editora Saraiva, 1ª edição. São Paulo, 1993.
3. João Domingos Maia: Língua, Literatura e Redação. Volume I, 6ª Edição. Editora Ática. São Paulo, 1992.

FARSA OU AUTO DE INÊS PEREIRA

A seguinte farsa de folgar foi representada ao muito alto e mui poderoso rei D. João, o terceiro do nome em Portugal, no seu Convento de Tomar, era do Senhor de MDXXIII. O seu argumento é que porquanto duvidavam certos homens de bom saber se o Autor fazia de si mesmo estas obras, ou se furtava de outros autores, lhe deram este tema sobre que fizesse: segundo um exemplo comum que dizem: *mais quero asno que me leve que cavalo que me derrube*. E sobre este motivo se fez esta farsa.

A figuras são as seguintes: Inês Pereira; sua Mãe; Lianor Vaz; Pêro Marques; dous Judeus (um chamado Latão, outro Vidal); um Escudeiro com um seu Moço; um Ermitão; Luzia e Fernando.

Finge-se que Inês Pereira, filha de hũa mulher de baixa sorte, muito fantesiosa, está lavrando em casa, e sua mãe é a ouvir missa, e ela canta esta cantiga: Canta Inês:

Quien con veros pena y muere
Que hará quando no os viere?

(Falando)

INÊS

Renego deste lavar
E do primeiro que o usou;
Ó diabo que o eu dou,
Que tão mau é d'aturar.
Oh Jesu! que enfadamento,
E que raiva, e que tormento,
Que cegueira, e que canseira!
Eu hei-de buscar maneira
D'algum outro aviamento.

Coitada, assi hei-de estar
Encerrada nesta casa
Como panela sem asa,
Que sempre está num lugar?
E assi hão-de ser logrados
Dous dias amargurados,

Que eu possa durar viva?
E assim hei-de estar cativa
Em poder de desfiados?

Antes o darei ao Diabo
Que lavrar mais nem pontada.
Já tenho a vida cansada
De fazer sempre dum cabo.
Todas folgam, e eu não,
Todas vêm e todas vão
Onde querem, senão eu.
Hui! e que pecado é o meu,
Ou que dor de coração?

Esta vida he mais que morta.
Sam eu coruja ou corujo,
Ou sam algum caramujo
Que não sai senão à porta?
E quando me dão algum dia
Licença, como a bugia,
Que possa estar à janela,
É já mais que a Madanela
Quando achou a aleluia.

Vem a Mãe, e não na achando lavrando, diz:

MÃE

Logo eu adivinhei
Lá na missa onde eu estava,
Como a minha Inês lavrava
A tarefa que lhe eu dei...
Acaba esse travesseiro!
Hui! Nasceu-te algum unheiro?
Ou cuidas que é dia santo?

INÊS

Praza a Deos que algum quebranto?
Me tire do cativoiro.

MÃE

Toda tu estás aquela!
Choram-te os filhos por pão?

INÊS
Prouvesse a Deus! Que já é razão
De eu não estar tão singela.

MÃE
Olhade ali o mau pesar...
Como queres tu casar
Com fama de preguiçosa?

INÊS
Mas eu, mãe, sam aguçosa
E vós dais-vos de vagar.

MÃE Ora espera assi, vejamos.

INÊS
Quem já visse esse prazer!

MÃE
Cal'-te, que poderá ser
Que "ame a Páscoa vêm os Ramos".
Não te apresses tu, Inês.
"Maior é o ano que o mês":
Quando te não precatares,
Virão maridos a pares,
E filhos de três em três.

INÊS
Quero-m'ora alevantar.
Folgo mais de falar nisso,
Assi me dê Deos o paraíso,
Mil vezes que não lavrar
Isto não sei que me faz

MÃE
Aqui vem Lianor Vaz.

INÊS

E ela vem-se benzendo...

(Entra Lianor Vaz)

LIANOR

Jesu a que me eu encomendo!

Quanta cousa que se faz!

MÃE

Lianor Vaz, que é isso?

LIANOR

Venho eu, mana, amarela?

MÃE

Mais ruiva que uma panela.

LIANOR

Não sei como tenho siso!

Jesu! Jesu! que farei?

Não sei se me vá a el-Rei,

Se me vá ao Cardeal.

MÃE

Como? e tamanho é o mal?

LIANOR

Tamanho? eu to direi:

Vinha agora pereli

Ó redor da minha vinha,

E hum clérigo, mana minha,

Pardeos, lançou mão de mi;

Não me podia valer

Diz que havia de saber

S'era eu fêmea, se macho.

MÃE

Hui! seria algum muchacho,

Que brincava por prazer?

LIANOR

Si, muchacho sobejava
Era hum zote tamanhouço!
Eu andava no retouço,
Tão rouca que não falava.
Quando o vi pegar comigo,
Que m'achei naquele p'rigo:
– Assolverei! - não assolverás!
–Tomarei! - não tomarás!
– Jesu! homem, qu'has contigo?

– Irmã, eu te assolverei
Co breviairo de Braga.

– Que breviairo, ou que praga!
Que não quero: aqui d'el-Rei! –
Quando viu revolta a voda,
Foi e esfarrapou-me toda
O cabeção da camisa.

MÃE

Assi me fez dessa guisa
Outro, no tempo da poda.

Eu cuidei que era jogo,
E ele... dai-o vós ao fogo!
Tomou-me tamanho riso,
Riso em todo meu siso,
E ele leixou-me logo.

LIANOR

Si, agora, eramá,
Também eu me ria cá
Das cousas que me dizia:
Chamava-me “luz do dia”.
– “Nunca teu olho verá!” –

Se estivera de maneira
Sem ser rouca, bradar'eu;

Mas logo m'o demo deu
Catarrão e peitogueira,
Cócegas e cor de rir,
E coxa pera fugir,
E fraca pera vencer:
Porém pude-me valer
Sem me ninguém acudir...

O demo (e não pode al ser)
Se chantou no corpo dele.

MÃE
Mana, conhecia-te ele?

LIANOR
Mas queria-me conhecer!

MÃE
Vistes vós tamanho mal?

LIANOR
Eu m'irei ao Cardeal,
E far-lhe-ei assi mesura,
E contar lhe-ei a aventura
Que achei no meu olival.

MÃE
Não estás tu arranhada,
De te carpir, nas queixadas?

LIANOR
Eu tenho as unhas cortadas,
E mais estou tosquiada:
E mais pera que era isso?
E mais pera que é o siso?
E mais no meio da requesta
Veio hum homem de hũa besta,
Que em vê-lo vi o p'raíso,

E soltou-me, porque vinha

Bem contra sua vontade.
Porém, a falar a verdade,
Já eu andava cansadinha:
Não me valia rogar
Nem me valia chamar:
– “Aque de Vasco de Fois,
Acudi-me, como sois!”
E ele... senão pegar:

– Mais mansa, Lianor Vaz,
Assi Deus te faça santa.
– Trama te dê na garganta!
Como! isto assi se faz?
– Isto não revela nada...
– Tu não vês que são casada?

MÃE

Deras-lhe, má hora, boa,
E mordera-lo na coroa.

LIANOR

Assi! fora excomungada.

Não lhe dera um empuxão,
Porque sou tão maviosa,
Que é cousa maravilhosa.
E esta é a concurusão.
Leixemos isto. Eu venho
Com grande amor que vos tenho,
Porque diz o exemplo antigo
Que a amiga e bom amigo
Mais aqueita que o bom lenho.

Inês está concertada
Pera casar com alguém?

MÃE

Até `gora com ninguém
Não é ela embaraçada.

LIANOR

Eu vos trago um casamento
Em nome do anjo bento.
Filha, não sei se vos praz.

INÊS

E quando, Lianor Vaz?

LIANOR

Eu vos trago aviamento.

INÊS Porém, não hei-de casar
Senão com homem avisado
Ainda que pobre e pelado,
Seja discreto em falar

LIANOR

Eu vos trago um bom marido,
Rico, honrado, conhecido.
Diz que em camisa vos quer.

INÊS

Primeiro eu hei-de saber
Se é parvo, se sabido.

LIANOR

Nesta carta que aqui vem
Pera vós, filha, d'amores,
Veredes vós, minhas flores,
A discrição que ele tem.

INÊS

Mostrai-ma cá, quero ver.

LIANOR

Tomai. E sabedes vós ler?

MÃE

Hui! e ela sabe latim
E gramática e alfaqui

E tudo quanto ela quer!

INÊS (*lê a carta*)

“Senhora amiga Inês Pereira,
Pêro Marquez, vosso amigo,
Que ora estou na nossa aldeia,
Mesmo na vossa mercea
M'encomendo. E mais digo,
Digo que benza-vos Deos,
Que vos fez de tão bom jeito.
Bom prazer e bom proveito
Veja vossa mãe de vós.

Ainda que eu vos vi
Est'outro dia folgar
E não quisestes bailar,
Nem cantar presente mi...”

INÊS

Na voda de seu avô,
Ou onde me viu ora ele?
Lianor Vaz, este é ele?

LIANOR

Lede a carta sem dó,
Que inda eu são contente dele.

Prossegue Inês Pereira a carta:

“Nem cantar presente mi.
Pois Deos sabe a rebentinha
Que me fizestes então.
Ora, Inês, que hajais bênção
De vosso pai e a minha,
Que venha isto a concurção.
E rogo-vos como amiga,
Que samicas vós sereis,
Que de parte me faleis
Antes que outrem vo-lo diga.

E, se não fiais de mi,
Esteja vossa mãe aí,
E Lianor Vaz de presente.

Veremos se sois contente
Que casemos na boa hora.”

INÊS

Des que nasci até agora
Não vi tal vilão com'este,
Nem tanto fora de mão!

LIANOR

Não queirais ser tão senhora.
Casa, filha, que te preste,
Não percas a ocasião.

Queres casar a prazer
No tempo d'agora, Inês?
Antes casa, em que te pês,
Que não é tempo d'escolher.
Sempre eu ouvi dizer:
“Ou seja sapo ou sapinho,
Ou marido ou maridinho,
Tenha o que houver mister.”
Este é o certo caminho.

MÃE

Pardeus, amiga, essa é ela!
“Mata o cavalo de sela
E bom é o asno que me leva”.
Filha, “no Chão de Couce
Quem não puder andar choute.”
E: “mais quero eu quem m'adore
Que quem faça com que chore”.
Chamá-lo-ei, Inês?

INÊS

Si.

Venha e veja-me a mi.
Quero ver quando me vir
Se perderá o presumir
Logo em chegando aqui,
Pera me fartar de rir.

MÃE

Touca-te, se cá vier
Pois que pera casar anda.

INÊS

Essa é boa demanda!
Cerimónias há mister
Homem que tal carta manda?
Eu o estou cá pintando:
Sabeis, mãe, que eu adivinho?
Deve ser um vilãozinho
Ei-lo, se vem penteando:
Será com algum ancinho?

Aqui vem Pêro Marques, vestido como filho de lavrador rico, com um gabão azul deitado ao ombro, com o capelo por diante, e vem dizendo:

PÊRO

Homem que vai aonde eu vou
Não se deve de correr
Ria embora quem quiser
Que eu em meu siso estou.
Não sei onde mora aqui...
Olhai que m'esquece a mi!
Eu creio que nesta rua...
E esta parreira é sua.
Já conheço que é aqui.

Chega Pêro Marques aonde elas
estão, e diz:

Digo que esteis muito embora.
Folguei ora de vir cá...
Eu vos escrevi de lá
Ûa cartinha, senhora...

E assi que de maneira...

MÃE

Tomai aquela cadeira.

PÊRO

E que val aqui uma destas?

INÊS

(Ó Jesu! que João das bestas!

Olhai aquela canseira!)

Assentou-se com as costas pera elas, e diz:

PÊRO

Eu cuido que não estou bem...

MÃE

Como vos chamais, amigo?

PÊRO Eu Pêro Marques me digo,

Como meu pai que Deos tem.

Faleceu, perdoe-lhe Deos,

Que fora bem escusado,

E ficamos dous eréos.

Porém meu é o mor gado.

MÃE

De morgado é vosso estado?

Isso viria dos céus.

PÊRO

Mais gado tenho eu já quanto,

E o mor de todo o gado,

Digo maior algum tanto.

E desejo ser casado,

Prouguesse ao Espírito Santo,

Com Inês, que eu me espanto

Quem me fez seu namorado.

Parece moça de bem,

E eu de bem, er também.
Ora vós er ide vendo
Se lhe vem melhor ninguém,
A segundo o que eu entendo.

Cuido que lhe trago aqui
Pêras da minha pereira...
Hão-de estar na derradeira.
Tende ora, Inês, per i.

INÊS
E isso hei-de ter na mão?

PÊRO Deitae as peas no chão.

INÊS
As perlas pera enfiar...
Três chocalhos e um novelo...
E as peias no capelo...
E as pêras? Onde estão?

PÊRO
Nunca tal me aconteceu!
Algum rapaz m'as comeu...
Que as meti no capelo,
E ficou aqui o novelo,
E o pente não se perdeu.
Pois trazia-as de boa mente...

INÊS
Fresco vinha aí o presente
Com folhinhas borrifadas!

PÊRO
Não, que elas vinham chentadas
Cá em fundo no mais quente.

Vossa mãe foi-se? Ora bem...
Sós nos leixou ela assi?...
Cant'eu quero-me ir daqui,

Não diga algum demo alguém...

INÊS

Vós que me havíeis de fazer?
Nem ninguém que há-de dizer?
(O galante despejado!).

PÊRO

Se eu fora já casado,
D'outra arte havia de ser
Como homem de bom recado.

INÊS

(Quão desviado este está!
Todos andam por caçar
Suas damas sem casar
E este... tomade-o lá!).

PÊRO

Vossa mãe é lá no muro?
INÊS Minha mãe eu vos seguro
Que ela venha cá dormir.

PÊRO

Pois, senhora, eu quero-me ir
Antes que venha o escuro.

INÊS

E não cureis mais de vir.

PÊRO

Virá cá Lianor Vaz,
Veremos que lhe dizeis...

INÊS

Homem, não aporfieis,
Que não quero, nem me apraz.
Ide casar a Cascais.

PÊRO

Não vos anojarei mais,
Ainda que saiba estalar;
E prometo não casar
Até que vós não queirais.

(Pêro vai-se, dizendo:)
Estas vos são elas a vós:
Anda homem a gastar calçado,
E quando cuida que é aviado,
Escarnefucham de vós!
Creo que lá fica a pea...
Pardeus! Bô ia eu à aldeia!

(Voltando atrás)

Senhora, cá fica o fato?

INÊS Olhai se o levou o gato...

PÊRO
Inda não tendes candeia?
Ponho per cajo que alguém
Vem como eu vim agora,
E vos acha só a tal hora:
Parece-vos que será bem?
Ficai-vos ora com Deos:
Çarrai a porta sobre vós
Com vossa candeazinha.
E sicais sereis vós minha,
Entonces veremos nós...

(Vai-se Pêro Marques e diz Inês Pereira:)

INÊS
Pessoa conheço eu
Que levara outro caminho...
Casai lá com um vilãozinho,
Mais covarde que um judeu!
Se fora outro homem agora,
E me topara a tal hora,

Estando assi às escuras,
Dissera-me mil doçuras,
Ainda que mais não fora...

(Vem a Mãe e diz:)

MÃE
Pêro Marques foi-se já?

INÊS
E pera que era ele aqui?

MÃE
E não t'agrada ele a ti?

INÊS
Vá-se muitieramá!
Que sempre disse e direi:
Mãe, eu me não casarei
Senão com homem discreto,
E assi vo-lo prometo
Ou antes o leixarei.

Que seja homem mal feito,
Feio, pobre, sem feição,
Como tiver discrição,
Não lhe quero mais proveito.
E saiba tanger viola,
E coma eu pão e cebola.
Siquer uma cantiguinha!
Discreto, feito em farinha,
Porque isto me degola.

MÃE
Sempre tu hás-de bailar
E sempre ele há-de tanger?
Se não tiveres que comer
O tanger te há-de fartar?

INÊS

Cada louco com sua teima.
Com uma borda de boleima
E uma vez d'água fria,
Não quero mais cada dia.

MÃE
Como às vezes isso queima!

E que é desses escudeiros?

INÊS
Eu falei ontem ali
Que passaram por aqui
Os judeus casamenteiros
E hão-de vir agora aqui.

Aqui entram os Judeus casamenteiros, um, Latão, e outro, Vidal e diz Latão:

LATÃO
Ou de cá!

INÊS
Quem está lá?

VIDAL
Nome del Deu, aqui somos!

LATÃO
Não sabeis quão longe fomos!

VIDAL
Corremos a iramá.
Este e eu.

LATÃO Eu, e este...

VIDAL
Pola lama e polo pó,
Que era pera haver dó,
Com chuva, sol e Nordeste.
Foi a coisa de maneira,

Tal friúra e tal canseira,
Que trago as tripas maçadas.
Assi me fadem boas fadas
Que me saltou caganeira!

Pera vossa mercê ver
O que nos encomendou.

LATÃO
O que nos encomendou
Será o que hoiver de ser
Todo este mundo é fadiga
Vós dixestes, fiiha amiga,
Que vos buscássemos logo...

VIDAL
E logo pujemos fogo...

LATÃO
Cala-te!

VIDAL
Não queres que diga?

Não fui eu também contigo?
Tu e eu não somos eu?
Tu judeu e eu judeu,
Não somos massa dum trigo?

LATÃO
Leixa-me falar.

VIDAL
Já calo.
Senhora, fomos... agora falo,
Ou falas tu?

LATÃO
Dize, que dizias?
Que foste, que fomos, que ias

Buscá-lo, esgravatá-lo...

VIDAL

Vós, amor, quereis marido
Mui discreto, e de viola?

LATÃO

Esta moça não é tola,
Que quer casar per sentido...

VIDAL

Judeu, queres-me leixar?

LATÃO

Leixo, não quero falar

VIDAL

Buscámo-lo...

LATÃO

Demo foi logo!
Crede que o vosso rogo
Vencerá o Tejo e o mar

Eu cuido que falo e calo...
Calo eu agora ou não?
Ou falo se vem à mão?
Não digas que não te falo.

INÊS

Jesu! Guarde-me ora Deus!
Não falará um de vós?
Já queria saber isso...

MÃE

Que siso, Inês, que siso
Tens debaixo desses véus...

INÊS

Diz o exemplo da velha:

“O que não haveis de comer
Leixai-o a outrem mexer”.

MÃE
Eu não sei quem t'aconselha...

INÊS
Enfim, que novas trazeis?

VIDAL
O marido que quereis,
De viola e dessa sorte,
Não no há senão na corte
Que cá não no achareis.

Falámos a Badajoz,
Músico, discreto, solteiro.
Este fora o verdadeiro,
Mas soltou-se-nos da noz.
Fomos a Vilhacastim
E falou-nos em latim:
– “Vinde cá daqui a uma hora,
E trazei-me essa senhora”.

INÊS
Assi que é tudo nada enfim!

VIDAL
Esperai, aguardai ora!
Soubemos dum escudeiro
De feição d'atafoneiro
Que virá logo essora,
Que fala... e com' ora fala!
Estrugirá esta sala.
E tange... e com' ora tange!
E alcança quanto abrange,
E se preza bem da gala.

Vem o Escudeiro, com seu Moço, que lhe traz uma viola, e diz, falando só:

ESCUDEIRO

Se esta senhora é tal
Como os Judeus ma gabaram,
Certo os anjos a pintaram,
E não pode ser i al.
Diz que os olhos com que via
Foram de Santa Luzia,
Cabelos, da Madanela...
Se fosse moça tão bela,
Como donzela seria?

Moça de vila será ela
Com sinalzinho postiço,
E sarnosa no toutiço,
Como burra de Castela.
Eu, assi como chegar
Cumpre-me bem atentar
Se é garrida, se honesta,
Porque o melhor da festa
É achar siso e calar.

(Falando para Inês:)

MÃE

Se este escudeiro há-de vir
E é homem de discrição,
Hás-te de pôr em feição,
De falar pouco e não rir
E mais, Inês, não muito olhar
E muito chão o menear
Por que te julguem por muda,
Porque a moça sesuda
É uma perla pera amar.

(Falando para o criado:)

ESCUDEIRO

Olha cá, Fernando, eu vou
Ver a com que hei-de casar.
Avisa-te, que hás-de estar

Sem barrete onde eu estou.

MOÇO

(Como a rei! Corpo de mi!
Mui bem vai isso assi...)

ESCUDEIRO

E, se cuspir, pola ventura,
Põe-lhe o pé e faz mesura.

MOÇO

(Ainda eu isso não vi!)

ESCUDEIRO

E se me vires mentir
Gabando-me de privado,
Está tu dissimulado,
Ou sai-te pera fora a rir
Isto te aviso daqui,
Faze-o por amor de mi.

MOÇO

Porém, senhor digo eu
Que mau calçado é o meu
Pera estas vistas assi.

ESCUDEIRO

Que farei, que o sapateiro
Não tem solas nem tem pele?

MOÇO

Sapatos me daria ele,
Se me vós désseis dinheiro...

ESCUDEIRO

Eu o haverei agora.
E mais calças te prometo.

MOÇO

(Homem que não tem nem preto,

Casa muito na má hora.)

Chega o Escudeiro onde está Inês Pereira, e levantam-se todos, e fazem suas mesuras, e diz o Escudeiro:

ESCUDEIRO

Antes que mais diga agora,
Deus vos salve, fresca rosa,
E vos dê por minha esposa,
Por mulher e por senhora;
Que bem vejo
Nesse ar, nesse despejo,
Mui graciosa donzela,
Que vós sois, minha alma, aquela
Que eu busco e que desejo.
Obrou bem a Natureza
Em vos dar tal condição
Que amais a discrição
Muito mais que a riqueza.
Bem parece
Que a discrição merece
Gozar vossa fermosura,
Que é tal que, de ventura,
Outra tal não se acontece.
Senhora, eu me contento
Receber vos como estais:
Se vós vos não contentais,
O vosso contentamento
Pode falecer no mais.

LATÃO

(Como fala!

VIDAL

E ela como se cala!
Tem atento o ouvido...
Este há-de ser seu marido,
Segundo a coisa s'abala.)

ESCUDEIRO

Eu não tenho mais de meu,
Somente ser comprador
Do Marichal meu senhor
E são escudeiro seu.
Sei bem ler
E muito bem escrever
E bom jogador de bola,
E quanto a tanger viola,
Logo me vereis tanger.
Moço, que estais lá olhando?

MOÇO
Que manda Vossa Mercê?

ESCUDEIRO
Que venhais cá.

MOÇO
Pera quê?

ESCUDEIRO
Por que faças o que eu mando!

MOÇO
Logo vou.
(O Diabo me tomou:
Sair me de João Montês
Por servir um tavanês
Mor doudo que Deus criou!)

ESCUDEIRO
Fui despedir um rapaz
Que valia Perpinhão,
Por tomar este ladrão.
Moço!

MOÇO
Que vos praz?

ESCUDEIRO

A viola.

MOÇO

(Oh! como ficará tola
Se não fosse casar ante
Co mais sáfio bargante
Que coma pão e cebola!).
Ei-la aqui bem temperada,
Não tendes que temperar.

ESCUDEIRO

Faria bem de ta quebrar
Na cabeça bem migada!

MOÇO

E se ela é emprestada,
Quem na havia de pagar?
Meu amo, eu quero m'ir.

ESCUDEIRO

E quando queres partir?
MOÇO Ante que venha o Inverno,
Porque vós não dais governo
Pera vos ninguém servir

ESCUDEIRO

Não dormes tu que te farte?

MOÇO

No chão, e o telhado por manta...
E çarra-se m'a garganta
Com fome.

ESCUDEIRO

Isso tem arte...

MOÇO

Vós sempre zombais assi.

ESCUDEIRO

Oh que boas vozes tem
Esta viola aqui!
Leixa-me casar a mi,
Depois eu te farei bem.

MÃE

Agora vos digo eu
Que Inês está no Paraíso!

INÊS

Que tendes de ver co isso?
Todo o mal há-de ser meu.

MÃE

Quanta doudice!

INÊS

Oh! como é seca a velhice!
Leixai-me ouvir e folgar,
Que não me hei-de contentar
De casar com parvoíce.
Pode ser maior riqueza
Que um homem avisado?

MÃE

Muitas vezes, mal pecado,
é melhor boa simpreza.

LATÃO

Ora oivi, e oivireis.
Escudeiro, cantareis
Alguma boa cantadela.
Namorai esta donzela
E esta cantiga direis:

Canta o Judeu

“Canas do amor, canas,
canas do amor
Polo longo dum rio

Canaval vi florido,
Canas do amo.”

Canta o Escudeiro o romance “Mal me quieren en Castilla” e diz Vidal:

VIDAL

Latão, já o sono é comigo
Como oivo cantar guaiado,
Que não vai esfandegado...

LATÃO

Esse é o Demo que eu digo!
Viste cantar Dona Sol:
*Pelo mar voy a vela,
Vela vay pelo mar?*

VIDAL

Filha Inês, assi vivais
Que tomeis esse senhor
Escudeiro cantador
E caçador de pardais,
Sabedor revolvedor
Falador gracejador
Afoitado pela mão,
E sabe de gavião...
Tomai-o por meu amor.

Podeis topar um rabugento,
Desmazelado, baboso,
Descancarado, brigoso,
Medroso, carapatento.
Este escudeiro, aosadas,
Onde se derem pancadas,
Ele as há-de levar
Boas, senão apanhar...
Nele tendes boas fadas.

MÃE

Quero rir com toda a mágoa
Destes teus casamenteiros!

Nunca vi Judeus ferreiros
Aturar tão bem a frágua.
Não te é melhor mal por mal,
Inês, um bom oficial,
Que te ganhe nessa praça,
Que é um escravo de graça,
E mais casas com teu igual?

LATÃO

Senhora, perdi cuidado:
O que há-de ser há-de ser;
E ninguém pode tolher
O que está determinado.

VIDAL

Assi diz Rabi Zarão.

MÃE

Inês, guar'-te de rascão!
Escudeiro queres tu?

INÊS

Jesu, nome de Jesu!
Quão fora sois de feição!

Já minha mãe adivinha...
Folgastes vós na verdade
Casar à vossa vontade?
Eu quero casar à minha.

MÃE

Casa, filha, muit'embora.

ESCUDEIRO

Dai-me essa mão, senhora.

INÊS

Senhor de mui boa mente.

ESCUDEIRO

Per palavras de presente
Vos recebo desd'agora.

Nome de Deus, assi seja!
Eu, Brás da Mata, Escudeiro,
Recebo a vós, Inês Pereira
Por mulher e por parceira
Como manda a Santa Igreja.

INÊS

Eu, aqui diante Deus,
Inês Pereira, recebo a vós,
Brás da Mata, sem demanda,
Como a Santa Igreja manda.

LATÃO

Juro al Deu! Aí somos nós!

Os Judeus ambos

Alça manim, ó dona, ha!
Arreia espeçulá.
Bento o Deu de Jacob,
Bento o Deu que a Faraó.

MÃE

Espantou e espantará.
Bento o Deu de Abraão,
Benta a terra de Canão.
Para bem sejais casados!
Dai-nos cá senhos ducados.

MÃE

Amenhã vo-los darão.

Pois assi é, bem será
Que não passe isto assi.
Eu quero chegar ali
Chamar meus amigos cá,
E cantarão de terreiro.

ESCUDEIRO

Oh! quem me fora solteiro!

INÊS

Já vós vos arrependeis?

ESCUDEIRO

Ó esposa, não faleis,
Que casar é cativoiro.

Aqui vem a Mãe com certas moças e mancebos pera fazerem a festa, e diz uma delas, per nome Luzia:

Luz. Inês, por teu bem te seja!
Oh! que esposo e que alegria!

INÊS

Venhas embora, Luzia,
E cedo t'eu assi veja.

MÃE

Ora vae tu ali, Inês,
E bailareis três por três.

FERNANDO

Tu conosco, Luzia, aqui,
E a desposada ali,
Ora vede qual direis.

Cantam todos a cantiga que se segue:

“Mal herida va la garça
Enamorada,
Sola va y gritos dava.
A las orillas de um rio
La garça tenia el nido;
Ballestero la ha herido
En el alma;
Sola va y gritos dava.”

E, acabando de cantar e bailar diz Fernando:

FERNANDO

Ora, senhores honrados,
Ficai com vossa mercê,
E nosso Senhor vos dê
Com que vivais descansados.
Isto foi assi agora,
Mas melhor será outr' hora.
Perdoai pelo presente:
Foi pouco e de boa mente.
Com vossa mercê, Senhora...

Luz. Ficai com Deus, desposados,
Com prazer e com saúde,
E sempre Ele vos ajude
Com que sejais bem logrados.

MÃE

Ficai com Deus, filha minha,
Não virei cá tão asinha.
A minha bênção hajais.
Esta casa em que ficais
Vos dou, e vou-me à casinha.

Senhor filho e senhor meu,
Pois que já Inês é vossa,
Vossa mulher e esposa,
Encomendo-vo-la eu.
E, pois que des que naceu
A outrem não conheceu,
Senão a vós, por senhor
Que lhe tenhais muito amor
Que amado sejais no céu.

Ida a Mãe, fica Inês Pereira e o Escudeiro. E senta-se Inês Pereira a lavrar e canta esta cantiga:

INÊS

Si no os huviera mirado
No penara,
Pero tampoco os mirara.

O Escudeiro, vendo cantar Inês Pereira, mui agastado lhe diz:

ESCUDEIRO
Vós cantais, Inês Pereira?
Em vodas m'andáveis vós?
Juro ao corpo de Deus
Que esta seja a derradeira!
Se vos eu vejo cantar
Eu vos farei assoviar...

INÊS
Bofé, senhor meu marido,
Se vós disso sois servido,
Bem o posso eu escusar.

ESCUDEIRO
Mas é bem que o escuseis,
E outras cousas que não digo!
INÊS Porque bradais vós comigo?

ESCUDEIRO
Será bem que vos caleis.
E mais, sereis avisada
Que não me respondais nada,
Em que ponha fogo a tudo,
Porque o homem sesudo
Traz a mulher sopeada.

Vós não haveis de falar
Com homem nem mulher que seja;
Nem somente ir à igreja
Não vos quero eu leixar
Já vos preguei as janelas,
Por que não vos ponhais nelas.
Estareis aqui encerrada
Nesta casa, tão fechada

Como freira d'Oudivelas.

INÊS

Que pecado foi o meu?
Porque me dais tal prisão?

ESCUDEIRO

Vós buscastes discricção,
Que culpa vos tenho eu?
Pode ser maior aviso,
Maior discricção e siso
Que guardar o meu tisouro?
Não sois vós, mulher meu ouro?
Que mal faço em guardar isso?

Vós não haveis de mandar
Em casa somente um pêlo.
Se eu disser: – isto é novelo –
Havi-lo de confirmar
E mais quando eu vier
De fora, haveis de tremer;
E cousa que vós digais
Não vos há-de valer mais
Que aquilo que eu quiser.

(para o criado)

Moço, às Partes d'Além
Me vou fazer cavaleiro.

MOÇO

(Se vós tivésseis dinheiro
Não seria senão bem...)

ESCUDEIRO

Tu hás-de ficar aqui.
Olha, por amor de mi,
O que faz tua senhora:
Fechá-la-ás sempre de fora.

(para Inês)

Vós lavrai, ficai per i.

MOÇO

Co dinheiro que leixais
Não comerei eu galinhas...

ESCUDEIRO

Vae-te tu por essas vinhas,
Que diabo queres mais?

MOÇO

Olhai, olhai, como rima!
E depois de ida a vindima?

ESCUDEIRO

Apanha desse rabisco.

MOÇO

Pesar ora de São Pisco!
Convidarei minha prima...

E o rabisco acabado,
Ir me-ei espojar às eiras?

ESCUDEIRO

Vai-te per essas figueiras,
E farta-te, desmazelado!

MOÇO

Assi?

ESCUDEIRO Pois que cuidavas?

E depois virão as favas.
Conheces túbaras da terra?

MOÇO

I-vos vós, embora, à guerra,
Que eu vos guardarei oitavas...

Ido o Escudeiro, diz o Moço:

MOÇO

Senhora, o que ele mandou
Não posso menos fazer.

INÊS

Pois que te dá de comer
Faze o que t'encomendou.

MOÇO

Vós fartai-vos de lavar
Eu me vou desenfadar
Com essas moças lá fora:
Vós perdoai-me, senhora,
Porque vos hei-de fechar.

Aqui fica Inês Pereira só, fechada, lavrando e cantando esta cantiga:

INÊS

“Quem bem tem e mal escolhe
Por mal que lhe venha não s'anoje.”
Renego da discricção
Comendo ò demo o aviso,
Que sempre cuidei que nisso
Estava a boa condição.
Cuidei que fossem cavaleiros
Fidalgos e escudeiros,
Não cheios de desvarios,
E em suas casas macios,
E na guerra lastimeiros.

Vede que cavalarias,
Vede que já mouros mata
Quem sua mulher maltrata
Sem lhe dar de paz um dia!
Sempre eu ouvi dizer
Que o homem que isto fizer
Nunca mata drago em vale

Nem mouro que chamem Ale:
E assi deve de ser.

Juro em todo meu sentido
Que se solteira me vejo,
Assi como eu desejo,
Que eu saiba escolher marido,
À boa fé, sem mau engano,
Pacífico todo o ano,
E que ande a meu mandar
Havia m'eu de vingar
Deste mal e deste dano!

Entra o Moço com uma carta de Arzila, e diz:

MOÇO
Esta carta vem d'Além
Creio que é de meu senhor.

INÊS
Mostrai cá, meu guarda-mor
E veremos o que i vem.
Lê o sobrescrito.
"À mui prezada senhora
Inês Pereira da Grã,
À senhora minha irmã."
De meu irmão...Venha embora!

MOÇO
Vosso irmão está em Arzila?
Eu apostarei que i vem
Nova de meu senhor também.

INÊS
Já ele partiu de Tavila?

MOÇO
Há três meses que é passado.

INÊS Aqui virá logo recado

Se lhe vai bem, ou que faz.

MOÇO

Bem pequena é a carta assaz!

INÊS

Carta de homem avisado.

Lê Inês Pereira a carta, a qual diz:

“Muito honrada irmã,
Esforçai o coração
E tomai por devação
De querer o que Deus quiser.”
E isto que quer dizer?
“E não vos maravilheis
De cousa que o mundo faça,
Que sempre nos embaraça
Com cousas. Sabei que indo
Vosso marido fugindo
Da batalha pera a vila,
A meia légua de Arzila,
O matou um mouro pastor.”

MOÇO

Ó meu amo e meu senhor!

INÊS

Dai-me vós cá essa chave
E i buscar vossa vida.

MOÇO

Oh que triste despedida!

INÊS

Mas que nova tão suave!
Desatado é o nó.
Se eu por ele ponho dó,
O Diabo me arrebente!
Pera mim era valente,

E matou-o um mouro só!

Guardar de cavaleirão,
Barbudo, repetenado,
Que em figura de avisado
É malino e sotrancão.
Agora quero tomar
Pera boa vida gozar,
Um muito manso marido.
Não no quero já sabido,
Pois tão caro há de custar.

Aqui vem Lianor Vaz, e finge Inês Pereira estar chorando, e diz Lianor Vaz:

LIANOR
Como estais, Inês Pereira?

INÊS
Muito triste, Lianor Vaz.

LIANOR
Que fareis ao que Deus faz?

INÊS
Casei por minha canseira.

LIANOR
Se ficaste prenhe basta.

INÊS
Bem quisera eu dele casta,
Mas não quis minha ventura.

LIANOR
Filha, não tomeis tristura,
Que a morte a todos gasta.

O que havedes de fazer?
Casade-vos, filha minha.
Inês Jesu! Jesu! Tão asinha!

Isso me haveis de dizer?
Quem perdeu um tal marido,
Tão discreto e tão sabido,
E tão amigo de minha vida?

LIANOR
Dai isso por esquecido,
E buscai outra guarida.

Pêro Marques tem, que herdou,
Fazenda de mil cruzados.
Mas vós quereis avisados...

INÊS
Não! já esse tempo passou.
Sobre quantos mestres são
Experiência dá lição.

LIANOR
Pois tendes esse saber
Querei ora a quem vos quer
Dai ò demo a opinião.

Vai Lianor Vaz por Pêro Marques, e fica Inês Pereira só, dizendo:

INÊS
Andar! Pêro Marques seja.
Quero tomar por esposo
Quem se tenha por ditoso
De cada vez que me veja.
Por usar de siso mero,
Asno que me leve quero,
E não cavalo folão.
Antes lebre que leão,
Antes lavrador que Nero.

Vem Lionor Vaz com Pêro Marquez e diz Lianor Vaz:

LIANOR
Nô mais cerimónias agora;

Abraçai Inês Pereira
Por mulher e por parceira.

PÊRO
Há homem empacho, má-hora,
Cant'a dizer abraçar...
Depois que a eu usar
Entonces poderá ser:

INÊS
(Não lhe quero mais saber
Já me quero contentar...).

LIANOR
Ora dai-me essa mão cá.
Sabeis as palavras, si?

PÊRO
Ensinaram-mas a mi,
Porém esquecem-me já...

LIANOR
Ora dissei como digo.

PÊRO
E tendes vós aqui trigo
Pera nos jeitar por riba?

LIANOR
Inda é cedo... Como rima!

PÊRO Soma, vós casais comigo,

E eu com vosco, pardelhas!
Não cumpre aqui mais falar
E quando vos eu negar
Que me cortem as orelhas.

LIANOR
Vou-me, ficai-vos embora.

INÊS

Marido, sairei eu agora,
Que há muito que não saí?

PÊRO

Si, mulher saí-vos i,
Qu'eu me irei pera fora.

INÊS

Marido, não digo isso.

PÊRO

Pois que dizeis vós, mulher?

INÊS

Ir folgar onde eu quiser.

PÊRO

I onde quiserdes ir,
Vinde quando quiserdes vir
Estai onde quiserdes estar.
Com que podeis vós folgar
Qu'eu não deva consentir?

Vem um Ermitão a pedir esmola, que em moço lhe quis bem, e diz:

Señores, por caridad
Dad limosna al dolorido
Ermitaño de Cupido
Para siempre en soledad.
Pues su siervo soy nacido.
Por ejemplo,
Me meti en su santo templo
Ermitaño en pobre ermita,
Fabricada de infinita
Tristeza en que contemplo,

Adonde rezo mis horas
Y mis dias y mis años,

Mis servicios y mis daños,
Donde tu, mi alma, lloras
El fin de tantos engaños.
Y acabando
Las horas, todas llorando,
Tomo las cuentas una y una,
Con que tomo a la fortuna
Cuenta del mal en que ando,
Sin esperar paga alguna.

Y ansi sin esperanza
De cobrar lo merecido,
Sirvo alli mis dias Cupido
Con tanto amor sin mudanza,
Que soy su santo escogido.
Ó señores,
Los que bien os va d'amores,
Dad limosna al sin holgura,
Que habita en sierra oscura,
Uno de los amadores
Que tuvo menos ventura.

Y rogaré al Dios de mi,
En quien mis sentidos traigo,
Que recibais mejor pago
De lo que yo recebi
En esta vida que hago.
Y rezaré
Com gran devocion y fé,
Que Dios os libre d'engaño,
Que esso me hizo ermitaño,
Y pera siempre seré,
Pues pera siempre es mi daño.

INÊS
Olhai cá, marido amigo,
Eu tenho por devaçãõ
Dar esmola a um ermitãõ.
E não vades vós comigo.

PÊRO

I-vos embora, mulher
Não tenho lá que fazer

(Inês fala a sós com o Ermitão):

INÊS

Tomai a esmola, padre, lá,
Pois que Deus vos trouxe aqui.

ERMITÃO

Sea por amor de mi
Vuesa buena caridad.
Deo gratias, mi señora!
La limosna mata el pecado,
Pero vos teneis cuidado
De matar-me cada hora.
Deveis saber
Para merced me hacer
Que por vos soy ermitaño.
Y aun más os desengaño:
Que esperanças de os ver
Me hizieron vestir tal paño.

INÊS

Jesu, Jesu! manas minhas!
Sois vós aquele que um dia
Em casa de minha tia
Me mandastes camarinhas,
E quando aprendia a lavrar
Mandáveis-me tanta cousinha?
Eu era ainda Inesinha,
Não vos queria falar.

ERMITÃO

Señora, tengo-os servido
Y vos a mi despreciado;
Haced que el tiempo pasado
No se cuente por perdido.

INÊS

Padre, mui bem vos entendo
Ó demo vos encomendo,
Que bem sabeis vós pedir!
Eu determino lá d'ir
À ermida, Deus querendo.

ERMITÃO

E quando?

INÊS

I-vos, meu santo,
Que eu irei um dia destes
Muito cedo, muito prestes.

ERMITÃO

Señora, yo me voy en tanto.

(Inês torna para Pêro Marques):

INÊS

Em tudo é boa a conrusão.
Marido, aquele ermitão
É um anjinho de Deus...

PÊRO

Corregê vós esses véus
E ponde-vos em feição.

INÊS

Sabeis vós o que eu queria?

PÊRO

Que quereis, minha mulher?

INÊS

Que houvésseis por prazer
De irmos lá em romaria.

PÊRO Seja logo, sem deter.

INÊS

Este caminho é comprido...
Contai uma história, marido.

PÊRO

Bofá que me praz, mulher

INÊS

Passemos primeiro o rio.
Descalçai-vos.

PÊRO

E pois como?

INÊS

E levar me-eis no ombro,
Não me corte a madre o frio.

Põe-se Inês Pereira às costas do marido, e diz:

INÊS

Marido, assi me levade.

PÊRO

Ides à vossa vontade?

INÊS

Como estar no Paraíso!

PÊRO

Muito folgo eu com isso.

INÊS

Esperade ora, esperade!
Olhai que lousas aquelas,
Pera poer as talhas nelas!

PÊRO

Quereis que as leve?

INÊS

Si.

Uma aqui e outra aqui.
Oh como folgo com elas!

Cantemos, marido, quereis?

PÊRO

Eu não saberei entoar...

INÊS

Pois eu hei só de cantar
E vós me respondereis
Cada vez que eu acabar:
“Pois assi se fazem as cousas”.
Canta Inês Pereira:

INÊS

“Marido cuco me levades
E mais duas lousas.”

PÊRO

“Pois assi se fazem as cousas.”

INÊS

“Bem sabedes vós, marido,
Quanto vos amo.
Sempre fostes percebido
Pera gamo.
Carregado ides, noss'amo,
Com duas lousas.”

PÊRO

“Pois assi se fazem as cousas”.

INÊS

“Bem sabedes vós, marido,
Quanto vos quero.
Sempre fostes percebido

Pera cervo.
Agora vos tomou o demo
Com duas lousas.”

PÊRO
“Pois assi se fazem as cousas.”

E assi se vãõ, e se acaba o dito Auto.

O LIVRO DIGITAL – ADVERTÊNCIA



O Livro Digital é – certamente - uma das maiores revoluções no âmbito editorial em todos os tempos. Hoje qualquer pessoa pode editar sua própria obra e disponibilizá-la livremente na Internet, sem aquela imperiosa necessidade de editoras.

Graças às novas tecnologias, o livro impresso em papel pode ser escaneado e compartilhado nos mais variados formatos digitais (PDF, TXT, RTF, entre outros). Todavia, trata-se de um processo demorado, principalmente no âmbito da realização pessoal, implicando ainda em falhas após o processo de digitalização, por exemplo, erros e distorções na parte ortográfica da obra, o que pode tornar ininteligíveis palavras e até frases inteiras.

Embora todos os livros do “Projeto Livro Livre” sejam criteriosamente revisados, ainda assim é possível que alguns desses erros passem despercebidos. Desta forma, se o distinto leitor puder contribuir para o esclarecimento de algumas dessas incorreções, por gentileza entrar em contato conosco, no e-mail: iba@ibamendes.com

Sugestões também serão muito bem-vindas!

Iba Mendes
São Paulo, 2014